

ENTREVISTA: PROFESSORA DIRCE SUERTEGARAY

Dirce Maria Antunes Suertegaray

Professora Titular-Emérita da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

E-mail: dircesuerte@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-3513-6376>

Saulo Vital, Professor do Departamento de Geociências da Universidade Federal da Paraíba, apresenta no canal do Youtube do Grupo de Pesquisa em Geomorfologia e Gestão dos Riscos Naturais - GENAT, entrevista à professora Dirce Suertegaray, professora emérita da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A professora possui licenciatura em Geografia pela Universidade Federal de Santa Maria, mestrado em Geografia Física pela Universidade de São Paulo e doutorado também em Geografia Física pela USP. Atua no campo da Geografia, com ênfase nos estudos da natureza em temáticas como desertificação, arenização, ambiente e cidade, ensino da geografia e epistemologia da geografia. Coordena o grupo de pesquisa “Arenização e desertificação: questões ambientais” do CNPQ.

Saulo Vital: Como surgiu a sua identificação com a geografia e a geomorfologia? Fale um pouco da sua trajetória desde o período estudantil até os dias atuais, destacando os principais pontos da caminhada.

Dirce Suertegaray: Saulo. Sempre que me fazem essa pergunta eu costumo dizer que antes de pensar em ser geógrafa a minha perspectiva profissional era ser professora. Então, tinha desde criança esse desejo de ser professora e fui estudar na escola normal, que era o que eu tinha como possibilidade na época, ser professora primária. A partir daí desejei continuar na universidade e então surge a questão: continuar sendo professora do que? Então fiz um retrospecto da minha vida estudantil, daquilo que eu gostava ou não gostava ao longo da escola e me deparei com a geografia por influência de uma professora no ginásio e, quando eu estudava na escola normal para me tornar professora do ensino fundamental. Acho que foram essas duas influências que me levaram a decidir fazer o vestibular para geografia. Em relação a geomorfologia, minha opção é muito clara. O curso que eu fiz foi durante o

período da ditadura militar, basicamente nos anos de “chumbo” 69 a 72, as ciências humanas, ainda que fosse uma área que me interessava muito, eram muito complicadas na instituição onde eu me formei, para não dizer deficitária do ponto de vista analítico. Ao contrário, as ciências da natureza, geografia física, como se diz, era muito forte e dentre elas a geomorfologia tinha um professor de excelência: Ivo Lauro Miller Filho (6:40), ele foi quem efetivamente me encaminhou para os estudos da geomorfologia. Quando me formo, já nos primeiros meses de formada, vou trabalhar na antiga FIDENE (UNIJUI) (7:00) e lá eu me deparo com uma outra realidade onde a discussão e os estudos das ciências humanas eram muito fortes; ciências humanas era uma deficiência que eu tinha na formação. Ao mesmo tempo, eu encerro a faculdade desejando fazer uma geografia de conexão natureza e sociedade, embora eu gostasse imensamente de geomorfologia e quisesse dar continuidade aos estudos em geomorfologia, meu interesse era fazer uma análise que permeasse ou que conectasse as duas dimensões que, eu tinha aprendido como sendo o fundamento da geografia: os estudos da natureza e da sociedade. E assim eu me construí academicamente, no mestrado já busquei essa temática quando estudei os processos de erosão em uma bacia hidrográfica do Rio Grande do Sul, no Rio Toropí. Já buscava essa conexão, quando cheguei ao doutorado. O próprio tema que eu escolhi, era um tema em debate na sociedade gaúcha, denominado de desertificação e as manchas de areia que ocorriam ao longo do campo chamadas de deserto; me interessou porque era algo que eu vivia desde criança no meu município e porque era um tema próximo e me permitiria estabelecer a conexão entre natureza e sociedade, uma vez que se dizia que esse fenômeno era decorrente da expansão da monocultura de soja. Essa foi a minha trajetória, de forma bem rápida.

Saulo Vital: Gostaria de pedir que a senhora falasse um pouco mais sobre sua visão acerca do caráter da geografia socioambiental. Ela seria um caminho para uma espécie de unificação da geografia atualmente?

Dirce Suertegaray: Em primeiro lugar eu gostaria de dizer que, buscar essa conexão, como disse na resposta anterior, foi o fundamento da minha construção geográfica desde o mestrado quando comecei a fazer pesquisa, porque eu tinha isso posto comigo, se eu aprendi que a geografia é uma ciência de conexão, na época se falava em relação homem-meio e hoje se fala em relação natureza-sociedade, eu queria saber como é que isso poderia ser feito. Minha formação é exatamente, ou muito próxima daquilo que é hoje, nós tínhamos e temos disciplinas de geografia física ou de estudos da natureza e geografia das humanidades, a geografia humana, mas, independente umas das outras, são muito raros os momentos de conexão, isso me chamava atenção e então busquei essa alternativa. Mas centralizando a questão, considerando a minha leitura sobre a geografia socioambiental, eu diria o

seguinte: visualizo, atualmente, em debate na geografia brasileira, na análise ambiental, pelo menos três tendências e, uma delas é a geografia socioambiental, que vem desde o início dos anos 2000, se não antes disso, difundida pelo meu colega Francisco Mendonça. Eu particularmente tenho uma outra visão sobre o tema, mas, entendo a questão colocada sobre o socioambiental. Considero que é uma possibilidade sim, porque quando se fala em geografia socioambiental ou, digamos, o conceito ao trabalhar essa relação natureza-sociedade, expressa a dimensão social como o elemento fundamental da questão ambiental, ou seja, é a sociedade, é o social, são as relações sociais de produção que promovem as questões ambientais que vivemos intensamente, nesse mundo contemporâneo. Eu, particularmente, não utilizo o conceito socioambiental, venho nos últimos tempos refletindo sobre a importância da geografia se descolar da concepção de meio ambiente ou de ambiente que é naturalista e que provém da biologia. Isto é um fundamento que, também, está nas proposições do Francisco Mendonça, essa reflexão é a que nós da geografia precisamos fazer em relação ao ambiente, diferentemente, do conceito de ambiente muito divulgado cuja origem é biológica e, mais recentemente, ecológica. Para superar essa concepção Francisco Mendonça trás o conceito socioambiental, seu objetivo é enfatizar a importância do social. Particularmente, acho que a geografia pode ressignificar o conceito de ambiente, ou seja, ultrapassar a dimensão naturalizante do conceito que vem desde a sua origem e pensar o ambiente como um todo, mas eu diria pensar o ambiente enquanto um produto, estou falando da nossa organização social, do nosso modo de produção, que é centrado na produção capitalista e como estas relações sociais, que perpassa pela economia, pela política e pela nossa própria forma de conceber a natureza, ou seja, da cultura interfere na natureza e como essa interferência demanda em problemas para a humanidade de maneira geral ou para as sociedades nas suas diferentes formas de viver ou, na acentuação das suas desigualdades sociais. Então, esse é um caminho que a geografia deveria considerar na análise ambiental. Existem outras concepções, Marcelo Lopes de Souza vem propondo uma denominação de geografia ambiental. Estou colocando essas questões para responder aquilo que você perguntou em relação a geografia socioambiental; seria um caminho para a unificação, eu diria que é uma possibilidade de análise geográfica e por isso que prefiro falar de ambiental, mas não é necessariamente a única possibilidade de se promover a articulação da natureza e da sociedade. Por exemplo, no estudo do urbano, da agrária, de territorialidade originárias entre outros, isso é possível. Então, acho que existem campos da geografia para além da questão ambiental que podem, e deveriam, efetivamente trabalhar com essa conexão. Digo podem e deveriam porque contemporaneamente, se a gente for acompanhar intelectuais que escrevem sobre o mundo atual, para além da geografia, verifica-se esta proposição de não separação da natureza e da sociedade, seja no campo da ciência, seja no campo da filosofia, além da necessidade de um repensar sobre a natureza, a partir da nossa forma de viver, isso está posto

desde as ciências “duras” até a filosofia, passando pela antropologia, pela sociologia e por inúmeros campos do conhecimento das ciências humanas. Então, acho que nós geógrafos temos que estar atentos a isso, até porque nos compreendemos como alguém que trabalha com a relação natureza-sociedade, a nossa formação tem no currículo as duas dimensões, natureza-sociedade, que nos demais currículos não têm. Então, como é que com essa formação e com essas exigências do mundo contemporâneo nós vamos enfrentar o futuro? Por isso que eu diria, acho que trabalhar com o conceito de socioambiental ou do ambiente ressignificado na geografia é uma possibilidade de articulação, mas não seria única.

Saulo Vital: Achei muito interessante as suas colocações e fiquei pensando aqui, a gente sabe que ao longo de muitas décadas até hoje a abordagem sistêmica é amplamente utilizada na geografia física e eu vejo que não tem como de certa forma, pelo menos na minha visão, fugir dessa abordagem porque quando nós analisamos, por exemplo, a questão das mudanças climáticas a gente observa uma ampla relação sistêmica entre fatores de ordem global, fatores de ordem local e processos que se retroalimentam nesse funcionamento dinâmico do planeta. Porém, a abordagem sistêmica deixa um pouco a desejar nas complexidades das questões sociais. Hoje, por exemplo, se fala muito na geografia física crítica e eu queria saber o que a senhora acha dessa geografia física crítica e se seria pertinente na sua visão a utilização do método dialético nos estudos de geografia física, haja vista essa necessidade de aprofundamento das questões sociais. Hoje existem muitos estudos de geografia física que trazem a questão do físico-natural e a questão antrópica em uma visão mais geossistêmica tradicional ou muitas vezes como um mapa de uso da terra ou de informação muito ciclista, muito estática e deixa de aprofundar nas questões sociais. Então, como a senhora vê hoje essa questão da utilização do método dialético, dessa geografia física crítica, isso é passivo de aprofundamento ou é uma coisa que seria um pouco de “modinha”?

Dirce Suertegaray: Em primeiro lugar, inclusive na minha tese, eu acabo estudando o que seria um sistema, porque na época era influenciada a fazer os estudos da natureza como sistêmico e, acabo negando a análise sistêmica na minha própria tese e assumindo um outro caminho, que falo depois. Mas na época (e isto ainda vigora nas análises sistêmicas no Brasil), o sistemismo se constituía uma análise que deveria ultrapassar as partes e, entender as partes como um conjunto de elementos em interação, ou seja, o sistema é uma relação entre partes, a totalidade sistêmica é compreendida como essa relação funcional entre as partes e, estudar essa relação expressaria dois objetivos. O primeiro objetivo, no campo científico seria analisar a funcionalidade, porque a perspectiva exigia compreender a funcionalidade mais do que seu entendimento e evolução ao longo do tempo, portanto

o sistema era atemporal, uma análise da funcionalidade, da conexão entre as partes para entender a sua dinâmica, se esta estaria em equilíbrio ou desequilíbrio e para quê? Para a segunda finalidade sistêmica, que é o controle ou a intervenção humana, especificamente, dos agentes que estariam interessados na transformação, para o bem ou para o mal. Recentemente, a partir do desenvolvimento das ciências como a cibernética, a teoria da informação e a própria compreensão contemporânea do sistemismo, o sistema é pensado na sua complexidade, ou seja, o sistema é algo complexo. Exemplifico com minhas leituras, de Maturana e Varela (que são dois chilenos que trabalharam com essa perspectiva no campo da biologia, buscando o entendimento da evolução da natureza biológica). Essa perspectiva de entendimento do sistema como complexo está contida na obra de Morin, neste caso o autor resgata dos diferentes campos do conhecimento, que trabalham com o sistema complexo, o entendimento de seu princípio da complexidade e vai propor a utilização deste princípio como superação desta análise (funcionalista especificamente) que ainda é muito presente na geografia física. A superação da concepção centrada na visão de Karl Ludwig von Bertalanffy está embasada na superação da análise no contexto da lógica formal. Busca a superação do cartesianismo, através da análise dos elementos constituindo uma unidade funcional considerando a dimensão temporal. Então, Morin, influenciado pelo avanço da ciência cibernética, da informação e do próprio sistemismo vai propor uma análise sistêmica complexa, ou seja, uma análise onde está presente a dialética explicitada na contradição e, no movimento do sistema no tempo. Resumidamente centrada em seus três princípios: o princípio dialógico, que corresponde a uma relação que é contraditória, mas que pode ser construída/transformada, no campo social, através do diálogo entre as partes, diferentemente, do que diz o materialismo histórico que é preciso explicitar as contradições e a partir dessas contradições, compreender o movimento do mundo e agir sobre, buscando a superação objetiva dessas contradições. Há uma nova reconstituição do sistema que dialoga com a dialética. Esta proposição de Morin, é algo similar, mas não é necessariamente a proposição materialista histórica (pelo menos em meu entendimento). O outro princípio é a recursividade, que está presente na análise sistêmica, entendendo que o efeito poderá sim gerar novas causas e que esse processo todo é um movimento contínuo. Se referindo a natureza, Varela e o Maturana explicam, através do conceito da autopoiese, que ela (a natureza) se auto eco reorganiza, então, natureza pode ser concebida como um sistema, mas, ao mesmo tempo, esse sistema está em constante movimento, se transforma no tempo. Sua transformação está na dependência, em sua funcionalidade, de um maior ou menor grau de da ordem e desordem que possa ocorrer em um determinado momento, seja ele um sistema exclusivamente natural, seja ele um sistema que tem a ver com atuação antropogênica. Adentrando com terceiro princípio, o hologramático de Morin, que é exatamente aquele que vê de forma diferente a concepção de totalidade do sistema em Bertalanffy porque hologramático significa que o sistema é mais do que

a relação entre partes, mas que a parte contém o todo e o todo contém a parte, isso significa dizer que, em cada parte se reproduz a totalidade e quando a gente pensa assim, a gente está captando outra forma de compreensão, eu não só relaciono uma coisa ou outra, mas vejo que em cada parte a reprodução da totalidade. Trata-se da velha história, aquela que na prática nos sugere fazer análises multiescalares e que no meu entendimento não há nada mais evidente. Do ponto de vista da literatura e lembrando Mia Couto, entender o mundo em um grão de areia. Esta é a totalidade dialética que aparece nas obras do Morin, mas uma dialética que está associada ao desenvolvimento das ciências “duras” e nós temos um outro conceito que também faz referência a totalidade como estando presente dialeticamente nas partes, que é a concepção de totalidade no materialismo histórico. Para terminar respondendo diretamente eu diria o seguinte, a tendência atual da ciência é a superação da análise formal, estou falando da ciência e não só da geografia, por uma análise dialética, quando eu faço referência a isso eu não estou dizendo que é uma superação para uma lógica materialista histórica, mas que também pode ser, mas é uma lógica dialética, ou seja, a construção analítica se refere a uma lógica que é diferente e para alguns autores intelectuais (Lefebvre), ela ultrapassa a lógica formal porque ela permite uma compreensão mais complexa do mundo.

Saulo Vital: No atual contexto das mudanças climáticas, o quadro da arenização hoje no Brasil tem se intensificado? Existe uma relação, na sua visão, devido às mudanças climáticas? E caso sim, há de fato essa interferência ou são fatores de ordem mais local?

Dirce Suertegaray: A explicação da origem dos areais do ponto de vista da interpretação geomorfológica que fiz, o estudo da morfogênese, buscava pela reconstituição da paisagem que deu origem aquelas areias, então, eles são decorrentes de mudanças climáticas do passado, ou seja, cada vez mais se comprova e agora inclusive com datações absolutas, dados da tese de um dos últimos orientandos demonstram aquilo que a partir da datação relativa já indicava, que esses depósitos estavam associados ao pleistoceno e holoceno. Então digo isso para dizer que, as mudanças climáticas que se evidenciam efetivamente nos areais são exatamente mudanças paleoclimáticas. Agora, a pergunta em relação ao futuro, eu posso te responder dizendo que existe já um trabalho orientado pelo professor Roberto Verdum, que é meu colega de grupo, que orientou Sanches. A tese de Sanches orientou-se na busca dessa relação entre mudanças climáticas atuais e cenários possíveis na constituição dos areais. O autor chega à conclusão, em função dos aumentos nas temperaturas e ou precipitações locais. especificamente, estudando a região dos areais, expressa essa possibilidade de relação através da construção de cenários diferentes dos atuais. Como os areais têm uma dinâmica acentuada através de chuvas torrenciais, as quais são comuns na região, e promovem uma aceleração

dos processos de ravinamento e voçorocamento, o cenário construído por Sanches, orientado pelo Roberto, é de que, havendo episódios extremos (concentração de chuvas torrenciais) haverá uma tendência ao processo de intensificação de ravinamento e voçorocamento. O que se observa hoje através das observações em campo e de mapeamentos é que, contraditoriamente, existem áreas que surgem associadas a determinadas atividades agrícolas, mas há um certo balanço ou indefinição porque, por outro lado, muito dos areais estão recobertos hoje com grandes áreas de silvicultura. Portanto, no mapeamento por sensoriamento remoto, eles não aparecem mais como areais, mas estão sob superfícies cobertas pela silvicultura. Então, essa dinâmica nos permite hoje dizer que a sua expansão ou retração, tem a ver com problemas locais, ainda que tenham estudos já de cenários possíveis para o futuro.

Saulo Vital: A gente encerra a nossa entrevista de hoje pedindo que você possa deixar uma mensagem para os jovens geógrafos e como eles podem partir para um caminho de maior inserção da nossa ciência no mercado de trabalho, através de uma atuação mais efetiva na sociedade.

Dirce Suertegaray: Em primeiro lugar eu diria que nós todos estamos vivendo uma situação bastante complexa em relação ao que eu chamo do mundo do trabalho, mais especificamente, em relação ao mercado de trabalho há uma tendência não só na geografia, de eliminação dos postos de trabalho e das atividades profissionais. Acho que isso é algo que qualquer profissional, neste caso os geógrafos, deve estar atento. Historicamente, nós na geografia seguimos duas tendências: ou nós decidimos ser professores de geografia ou, a partir dos anos 70 e 78 quando surgiram os bacharelados, os bacharéis vão se dedicar à pesquisa, às assessorias e aos levantamentos associados às outras atividades de planejamento. Até então o mercado absorvido pelos geógrafos eram as administrações de diferentes escalas, predominantemente estaduais e federais, o mercado, bastante restrito, só pensar que só em 2022 estão abrindo concurso para geógrafo no Estado do Rio Grande do Sul, quando o último que ocorreu, com abertura de vagas á geógrafos foi há 20 anos. Então, não há uma tendência a expansão, parece que nesses órgãos existe uma tendência a reposição, quando não, às vezes, até a própria eliminação do profissional, como aconteceu na UFRGS, geógrafos profissionais que eram contratados, se aposentaram ou mudaram de posicionamento e nunca mais abriram-se vagas, agora parece que abriu uma, depois de muito tempo. Mas ao mesmo tempo lá nos anos 80 e 90 houve uma abertura com a discussão ambiental, com essa necessidade de avaliar os empreendimentos feitos, uma abertura para os geógrafos trabalharem em outras perspectivas, por exemplo, elaboração dos EIAs/RIMAs que na época foi a possibilidade de muitos geógrafos trabalharem e desenvolveram atividades. Acho que o Saulo tem razão que, a leitura social do geógrafo é “aquela que sabe elaborar

mapas” e nós, geógrafos (as), sentimos que, sermos identificados apenas através da elaboração de mapas é reduzir a nossa possibilidade interpretativa da realidade em que vivemos. No entanto, se é possível deixar uma mensagem de otimismo, a partir do fazer mapas. Penso que sim temos que valorizar mapas; valorizar a nossa capacidade de fazer mapas, nós temos esta qualificação e isso é importante porque hoje no campo da gestão, da qualificação das análises, ou da própria análise crítica do território se coloca como necessidade fundamental compreender os fenômenos no espaço e nós sabemos quanto ao elaborar mapas e discutir esses produtos com colegas de outras áreas, quanto surpresos ficamos ao observar determinados fenômenos especializados. O que estou querendo dizer com isso é que, nós não podemos criticar a cartografia ou criticar o fato de sermos contratados para fazer os mapas inclusive, agora, nos contextos das novas tecnologias. Se é para deixar uma mensagem, eu diria que o que teríamos que fazer, enquanto profissional que trabalha com esses mapas é dar o “pulo do gato”, ou seja, é utilizar desses mapas para um debate mais ampliado e uma presença mais significativa a partir desses mapas feitos, contribuir com uma análise consistente sobre a realidade. Vocês poderão dizer “os geógrafos nunca estão nas equipes consultoras”, ou, eles fazem os mapas, mas não participam das equipes consultoras ou consultoras finalizadoras de projeto. Esta é uma questão política que os geógrafos têm que enfrentar, que é, ocupar o seu espaço sim, demonstrando a sua capacidade de fazer os mapas sim, mas ler além dos mapas a realidade brasileira e poder contribuir nos projetos nos quais estão inseridos, eu acho que isto abriria possibilidade profissional porque nós estaríamos dialogando com outras áreas do conhecimento e, portanto, estaríamos abrindo espaço à geografia e aos geógrafos(as).